

1

Despertar

Acordei assustado, senti minhas costas molhadas, um pouco de frio tomou conta de meus braços e de minha nuca. Ao abrir os olhos, me deparei com enormes árvores, réstias de luz passavam por entre suas folhas; um silêncio reinava no local. Estava eu deitado em relva, folhas secas, gravetos e outros vegetais.

Olhei para os meus pés assustado, estava calçando um par de sapatos muito estranhos e que não eram meus. Pareciam ser feitos de casca de árvore, com um trançado de tiras de árvores ou cipós. Estava de calça branca, camiseta branca, na verdade era mais uma bata, pois era longa e solta. “Onde estou? Como vim parar aqui?”, pensava em voz alta.

Não conseguia me levantar ainda. Minha cabeça estava pesada. Precisava sair do chão, correr e ver onde me encontrava. Vai que

algum animal me encontrasse. Estava sem forças. Comecei a olhar ao redor, havia apenas árvores, e todas muito grandes, com suas raízes expostas. Era, apesar de tudo, um local muito lindo. Estranhamente não ouvia nenhum pio, nenhum barulho, sequer do vento havia sussurro.

– Estranho! – exclamei.

Havia Sol, olhei para cima para ver se as folhas mexiam na copa daquelas árvores. Lentamente elas oscilavam, com muita calma.

– Será que fiquei surdo? – perguntei-me com a voz já alterada, beirando o desespero.

Estalei os dedos e mexi nas folhas secas para saber se escutava.

– Ufa! Escutei!

Ainda muito nervoso e trêmulo, amedrontado, desorientado e, ainda por cima, sem forças para me sentar, comecei a rezar. Mas meu medo gritava enquanto minhas rezas apenas sussurravam. Então comecei a cantar alguns pontos de Umbanda, cantei cada vez mais alto, o medo não podia me calar. Cantei para Exu, para Oxalá, para Iemanjá e para meu pai Oxóssi. Cantei tanto e tão alto que minha boca ficou seca e minha voz rouca. Entretanto estava em paz. Minha aflição que beirava o desespero tinha cedido espaço para a fé. Ainda bem!

Mais calmo, comecei a rezar e a pedir para Deus que me enviasse as entidades de luz. Por estar em uma floresta tão exuberante, que Ele me permitisse sentir a força dos caboclos de Oxóssi, que o Caboclo Mata Virgem pudesse me amparar naquele momento. Fechei meus olhos e, em profunda fé, supliquei em voz alta:

– Meu Pai, seu Mata Virgem, estou perdido, fraco e com medo, preciso de seu apoio, querido amigo e pai. Saravá, meu pai Oxóssi! Okê! Okê, Arô!

Estava de olhos fechados, mas mesmo assim percebi que o Sol tinha sido encoberto. “Será que foi uma nuvem? Será que é um animal?”, perguntei-me em pensamento. Apesar de assustado, tomei coragem, abri os olhos e, ao mesmo tempo, gritei:

– Okê! Okê, Arô!

Um gigante estava em pé na minha frente! Um índio forte e alegre, com um sorriso divino e acolhedor. Estendeu-me o braço e abriu ainda mais o sorriso. Num movimento de pescoço, parecia que me chamava.

Tentei alcançar a mão daquele índio, e num esforço senti que podia caminhar. O índio me puxou e fez um sinal para acompanhá-lo. Tudo em silêncio. Os pés dele, mesmo sendo enormes, não faziam barulho nenhum, e os meus pareciam que disparavam alarmes ensurdecedores.

Não quis falar nada. Só admirava aquele índio. Que paz, que amor, que energia sentia. Proteção e amparo eram as sensações daquele momento. Todavia minha mente me alertava: “cuidado, fique esperto”.

Assim, racionalmente, ainda tinha medo, ou tentava ter medo, afinal onde estava? Com quem estava? Há quanto tempo? Como iria voltar para minha casa? Enfim, era natural sentir medo, ansiedade e ficar nervoso! Mesmo tentando, me esforçando, eu só sentia paz. Uma deliciosa onda de paz e serenidade. Uma sensação de esperança. E logo um sorriso se fazia em meu rosto, que com certeza estava abobalhado.

Olhando no entorno, parecia que não tínhamos saído do lugar. Tudo era exatamente igual, árvores gigantescas, com suas raízes expostas, os raios de Sol penetrando por entre as folhas, o chão coberto de relva, folhas e gravetos. Não se ouvia um pio, não se avistava um inseto, ou uma flor, ou pássaro, nada. “Que coisa estranha”, pensava.

Voltei logo a me policiar e a buscar razões para o acontecido. Não compreendia como tinha chegado ali e não fazia a mínima ideia de como iria voltar. “Tenho que... Opa!” – não concluí meu pensamento. O índio parou e pôs a mão no meu peito. Olhou para mim com uma cara muito fechada. Colocou a mão na minha testa e fez sinal para que eu parasse de ficar pensando, tudo isso sem

proferir uma única palavra. Apesar disso, as dúvidas pululavam em minha cabeça.

– Meu Deus, o Senhor tem que me ajudar! – externei em voz alta.

Nesse instante, levei uma mãozada no meu peito. O índio mais uma vez fez sinal para eu parar de pensar. Aquele sinal me deixou perplexo, pois como ele sabia que eu estava pensando? Fiz a ele um sinal que não estava pensando. Ele sorriu, um sorriso debochado, pois sabia que eu estava mentindo.

Voltamos a andar. Eu continuava assustado, sem saber o que fazer e sem respostas. Além do mais, aquele silêncio muito estranho me incomodava. Parei de sentir aquela energia tão boa, tão serena.

– Ei, ei, ei, volte aqui! – eu gritava para o índio, que de repente saiu em disparada. – Volte aqui, por favor!

Tentei correr em sua direção, mas nos dois primeiros passos caí, não tinha forças para me levantar. Olhei em volta e percebi que estava no local onde me lembrava ter acordado. As folhas que amassei para escutar o barulho estavam ali. “Como pode?”, pensei, e um sono terrível me assolou, nem mais pensar eu consegui...

Acordei e senti minhas costas molhadas, um frio nos braços e na nuca. Olhei para meus pés e vi um par de sapatos estranhos que não eram meus, eram feitos de cascas de árvores... Espera aí, eu já vivi isso, me lembro que acordei aqui desse mesmo jeito, será um *déjà-vu*?

“Calma”, pensei, “estou em uma floresta, o que está claro, onde há árvores muito grandes com raízes expostas, e eu já estive aqui”, pensava sem parar tentando me acalmar.

A floresta é o Reino de Oxóssi, então decidi pedir licença aos Exus que fazem a guarda e cantar para meu Pai Oxóssi. Respirei fundo e pausadamente. Ainda não conseguia me levantar nem me sentar, mas mantive a calma e a concentração.

– Com licença a todos os Exus e Pombagiras destas bandas, que a força de Deus na luz de Oxóssi cubra suas jornadas. Peço a

bênção para eu estar aqui e licença para cantar para Oxóssi. Laroiiê, Exu! Exu é Mojobá! Saravá, Oxóssi! Okê! Okê, Aro!

E comecei a entoar as cantigas:

– Quem manda na mata é Oxóssi, Oxóssi é caçador, Oxóssi é caçador, ouvi meu pai assoviar, ele man... – parei por um instante porque escutei um assovio, outro assovio, mais um e voltei a cantar – ouvi meu pai assoviar, ele mandou chamar... – mais uma vez o assovio – vem de Aruanda êê...

E os assovios continuavam, continuavam, e de repente levei um susto, um índio gigante parou na minha frente, estendeu suas mãos e abriu um sorriso maravilhoso. Que paz, que energia! De novo aquela sensação de que a cena se repetia, pois tinha certeza que já havia estado na companhia daquele índio! Consegui me levantar e comecei a andar com ele pela floresta, e minha alma sentia uma energia tão brilhante, tão boa que mesmo as incertezas, diante da maior desorientação da minha vida, não faziam diferença, era como se estivesse na presença do próprio Oxóssi.

Comecei a agradecer a Deus e a Oxóssi pelo resgate e pelas energias. Pedi que eu pudesse entender tudo aquilo. Passei rapidamente a pedir para saber onde estava e como ia sair dali. “Meu Deus, como vim parar aqui?” E imediatamente o desespero começou a mexer no meu coração. Foi quando senti uma mão no meu peito, era a mão do caboclo a me guiar. Olhei para seu rosto, e ele fazia sinal para eu parar de pensar. Respirei fundo e percebi que não deveria me deixar levar pelo medo ou pelas incertezas e mantive a fé, afinal Oxóssi havia me escutado.

Em pensamento, comecei a cantar:

“Eu corri terra, eu corri mar,
Até que cheguei na minha raiz,
Ora, viva Oxóssi nas matas
Que a folha da mangueira ainda não caiu
Ora, viva Oxóssi nas matas

Que a folha da mangueira ainda não caiu”.
Depois emendei outro ponto cantado:
“Quem é o cavaleiro que vem lá de Aruanda,
É Oxóssi em seu cavalo com seu chapéu de banda,
Quem é esse Cacique glorioso e guerreiro
É Oxóssi em seu cavalo
Iluminar este Terreiro!
Vem de Aruanda ê! Vem de Aruanda á!
Vem de Aruanda ê! Vem de Aruanda ááá!”

Respirei profundamente e voltei a sentir uma paz, aquela paz indescritível. Olhei em volta e estava tudo absolutamente igual, as árvores, as raízes... Achei estranho, tudo igual, mas não queria me assustar. Voltei a olhar para a frente e a seguir aquele que me conduzia. Para me manter em paz, comecei novamente a cantar em pensamento:

“Caboclo é seu Mata Virgem,
Quando ele rufa seu tambor lá na Jurema,
Auê ele é caboclo, bamba
Vem lá das matas para salvar filhos de Umbanda,
Auê ele é caboclo, bamba
Vem lá das matas para salvar filhos de Umbanda.”

Estava naquele momento perdido, mas nunca tinha me sentido tão bem, tão em paz. Uma vez mais um ponto cantado veio me iluminar:

“Eu me perdi
Oxóssi me achou,
Oxóssi não é caça
Oxóssi é caçador!”

Ao cantar, escutei muitos silvos e uma série de pequenos gritos, uma algazarra se fez por todos os lados, mas uma algazarra muito gostosa. Comecei a observar os lados, e pronto, o sorriso estava

estampado em meu rosto. Senti uma avalanche energética, como se entrasse em todos os meus poros.

Não me contive e comecei a chorar de emoção, chorar por toda aquela energia e perceber que tudo era muito lindo e como aquela energia era pura, transparente. Vi inúmeras crianças indígenas acompanhadas por milhares de seres, que não sei bem descrever, e todos saíam das árvores, da relva, pulavam no ar, saltavam no ar, levitavam. Estava eu em êxtase, que bênção!

– Obrigado, Oxóssi! Okê! Okê, Arô! – gritei, interrompendo meu silêncio.

De repente centenas de “Okê! Okê! Okê! Okê!” foram surgindo de todos os lados da floresta.

Meu Deus, que emoção, podia sentir Oxóssi em tudo.

– Meu pai, okê! Okê, Arô! – eu gritava e ao mesmo tempo ouvia outros “okês” de todos os lados.

Então surgiram índios e caboclos correndo em minha direção e na direção do índio que me conduzia. Os curumins faziam danças, batiam no chão, cantavam, sorriam, pulavam em minha volta; os seres da floresta levitavam em velocidade indescritível, era uma coisa incrível, era um balé divino. Eu estava boquiaberto e em prantos. Absolutamente feliz. Olhei para o índio que me conduzia, e ele demonstrava um sorriso de um pai que acaba de ver seu filho nascer.

Ele olhou para mim, me pegou no colo, me jogou em suas costas e saiu em disparada. Imediatamente foi acompanhado por todas as crianças, na verdade curumins, e ladeado por centenas, milhares de outros índios.

O silêncio de outrora agora era preenchido por silvos, gritos, todos de felicidade. A velocidade que o índio corria era inimaginável, nunca corri daquele jeito, nem senti isso andando de avião. As árvores passavam tão rápido que suas formas não eram possíveis de ser identificadas, via apenas um borrão verde. Entretanto, os gritos e a imagem dos caboclos que estavam comigo eram nítidos, ou seja, estavam correndo na mesma velocidade que nós.

Sentia cheiros, cheiro de erva, cheiro de mato, cheiro de flores... Até aquele momento não tinha percebido nenhum cheiro, mas agora vinham muitos misturados, afinal estávamos correndo.

Paramos, olhei em volta, e a paisagem havia mudado, além de muitas árvores e do Sol, tinha flores e arbustos, pássaros que voavam em nossa volta, pulando nos galhos. Era muita vida! Em todo lugar a vida surgia. “Que lugar é este?! Que paraíso!”, exclamava em pensamento.